Eu professor?! Entre vivências e diálogos

Am I teacher?! Between experiences and dialogues

Najla Mehanna Mormul
Professora Doutora do Curso de Geografia da
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão, Brasil
najlamehanna@gmail.com

Resumo
O presente trabalho buscou de modo sucinto discutir a importância da formação de professores de Geografia na atualidade. Para isso foram realizadas leituras de obras acerca do tema de autores como Nóvoa (2006), Tardif (2011), Freire (2008), Callai (2013), entre outros, bem como foram realizadas investigações com os licenciandos do curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão. Vale destacar que essas averiguações ocorreram por meio da análise dos relatórios de Estágios Supervisionados que os licenciandos elaboraram no término da disciplina, nos anos de 2010 a 2017. Durante esse período também foram sistematizadas na forma de textos as opiniões apresentadas pelos licenciandos sobre as potencializadas e fragilidades da formação inicial, assim como as expectativas quanto à profissão professor. Nesse ensaio apresentam-se os principais elementos apontados pelos licenciandos, simultaneamente, procurou-se caracterizar brevemente o perfil desses licenciandos e refletir sobre a importância do papel do professor de Geografia. Longe de buscar extenuar o tema entende-se que a contribuição dessa discussão está na possibilidade de fomentar o debate em torno da formação de professores de Geografia, seu papel a sociedade atual e, também, a importância dessa profissão em tempos de incertezas.

Palavras-chaves: estágio supervisionado em Geografia; licenciatura; professor de Geografia.

Abstract
The present work sought succinctly to discuss the importance of the formation of teachers of Geography in the present time. For this, readings of works by authors such as Nóvoa (2006), Tardif (year), Paulo Freire (2008) and Callai (2013) were carried out, among others, and investigations were carried out with the graduates of the Geography course of the University State of Western Paraná, Francisco Beltrão campus. It is worth mentioning that these investigations took place through the analysis of reports of Supervised Internships, which the graduates prepare at the end of the course, from 2010 to 2017. During this period, the opinions expressed by the licenciandos on the weaknesses and potentials of the initial formation were also systematized in the form of texts, as well as the expectations regarding the teacher profession. In this essay we present the main elements pointed out by the licenciandos, simultaneously, we tried to characterize briefly the profile of these graduates and to reflect on the importance of the role of the professor of Geography.Far from trying to heal the subject, it is understood that the contribution of this discussion lies in the possibility of fomenting the debate about the formation of teachers of Geography, its role to the current society and also the importance of this profession in times of uncertainties.

Keywords: supervised internship in Geography; graduation; geography teacher.

1. INTRODUÇÃO

A formação de professores é um tema importante e complexo. Nesse sentido, nos últimos anos tem-se verificado um aumento no volume de trabalhos acadêmicos produzidos nessa área, o que demonstra não apenas crescimento, mas, também, a relevância dessa matéria na atualidade. A partir das contribuições de vários pesquisadores como Freire (2008), Tardif (2011), Nóvoa (2006), entre outros, é possível aprofundar algumas informações concernentes à formação de professores, assim como sinalizar elementos que podem ser aprofundados/investigados em futuras pesquisas.

Com base nessa compreensão buscou-se pensar o papel do professor de Geografia na sociedade contemporânea em paralelo ao perfil e expectativa dos licenciandos que cursam Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - campus de Francisco Beltrão. Essa motivação está vinculada a vivência enquanto professora formadora de professores, portanto, trata-se de uma reflexão acerca da prática cotidiana, pois ano após ano, é perceptível a urgência de reflexão sobre o papel do professor de Geografia tanto associado ao perfil dos estudantes quanto às possibilidades apresentadas pelo mercado de trabalho no que tange essa profissão.

Dentre os aspectos que motivaram a realização dessa investigação, está à necessidade de aprofundar o debate entre universidade e escola, e o pensar e ser professor. Apesar dos avanços obtidos seja no debate sobre a profissão professor (a) quanto na aproximação entre a universidade e a escola é notável que ainda há muito a se discutir e, sobretudo, realizar.

A experiência vivida enquanto professora da educação básica e nos últimos anos como professora de curso de formação de professores de Geografia, revela que muitos estudantes que ingressam na universidade não têm clareza o que é um curso de licenciatura e, também, qual é o papel do professor de Geografia no contexto atual. Essa condição tem demonstrado uma ausência de sentido acerca da profissão, e isso tem gerado um grande mal-estar, que na maioria das vezes tem invadido e dominado boa parte dos sujeitos que estão diretamente relacionados a essa profissão.

Comumente a ideia que ampla parte dos estudantes que ingressam na licenciatura em Geografia têm sobre o que é ser professor, está vinculada a sua vivência enquanto alunos da educação básica, isto é, o que predomina são as memórias/lembranças que carregam do tempo que frequentavam as salas de aulas e do convívio com diferentes perfis de professores. Assim, ao desempenhar a função de professor, muitas vezes, esses estudantes se valem da experiência que tiveram como alunos da educação básica, reproduzindo até mesmo comportamentos próximos aos que vivenciaram.

Outra característica comum é a concepção dominante de que para ser professor basta ter “jeito”, dom e paciência. Infelizmente, essa ideia está presente, sobretudo, nos discursos do licenciandos e, também, no das pessoas com quem convivem. Essa concepção é resultante do

processo histórico, social e político do qual a profissão professor é produto, pois, historicamente é perceptível que essa profissão ocupou uma posição de inferioridade frente às demais, entendendo-se que para ser professor, especialmente de crianças, era preciso vocação e não necessariamente competência, ou seja, uma formação de professores obliterada de sentido e significado, inclusive, científico, político, social, cultural e ético. Nesse contexto Bruschini e Amado (1988) lembram-que:

> [...] o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p. 7)

Do mesmo modo a compreensão sobre educação e escola, por vezes, também está pautada predominante nas concepções partilhadas em família e/ou comunidades, assim como nas trajetórias de vida escolar dos licenciandos. Logo, senso comum, em que a problemática não está nessa condição em si, mas na falta de articulação entre os conhecimentos produzidos historicamente e a vida das pessoas, bem como a crença que informações en passant fossem suficientes para o entendimento dos processos em que a educação escolar está imbricada. Poucos são os licenciandos que entendem a educação como fruto do contexto político ou percebem o processo educativo para além do cumprimento dos programas escolares (que muitas das vezes se quer são compreendidos, apenas cumpridos) ou da sequência de conteúdo a serem seguidos.

Infelizmente, predomina entre os estudantes que ingressam no curso de Geografia em licenciatura a visão de que cabe ao professor a transmissão do conteúdo pronto e acabado e ao estudante a recepção. Assim, o ensino e a aprendizagem visam, especialmente, à provas e, consequentemente, à obtenção de notas para aprovação, seja de ano escolar (disciplinas) seja no vestibular. Dessa forma, o processo de ensino é estanque e a “aprendizagem” ocorre, na maioria das vezes, pela repetição de conteúdos e/ou lições, tendo o professor um guia “livro didático” ou apostilas escolares que o conduz/orienta, isso quando não definem a concepção teórico-metodológica e, consequentemente, a prática docente.

Diante do exposto, não é de se estranhar que muitos licenciandos vão tomar ciência do curso que escolheram apenas na hora da prática do estágio que ocorre no 3º e 4º ano do curso. É nesse momento, na maioria dos casos, que ocorre a primeira experiência com a docência em Geografia, o que significa que somente após dois anos do ingresso no curso é que irão para as escolas acompanhar e ministrar aulas pela primeira vez. Para aqueles que o universo escolar é distante, que o único contato que tiveram com a escola foi enquanto alunos, quando esse momento chega (prática de estágio) ficam aterrorizados. Muitos relatam não saber o que fazer, nem como fazer, que se sentem deslocados nas escolas e receosos se realmente fizeram a escolha mais acertada.

De 2010 a 2017 aproximadamente 250 alunos foram ouvidos por meio de conversas, diálogos, produção de textos, relatos autobiográficos, relatórios de estágio, entre outros, a fim de verificar seus sonhos, anseios, dúvidas, angústias e expectativas quanto a ser professor em tempos de incertezas e inseguranças em relação aos rumos que a educação pública está tomando no país. As análises realizadas e as respostas obtidas foram sistematizadas e ora são apresentadas neste trabalho. É importante ressaltar que se trata de impressões, o que significa que certamente futuramente pesquisas poderão ser realizadas e aprofundadas acerca do tema. Entretanto, as informações aqui contidas servem para fomentar a reflexão sobre: o que é ser professor? Quem é e/ou são esses sujeitos? E para que ser professor de Geografia?

Discutir questões como essas, no entanto, requer não somente acuidade com a os dados. Mas, especialmente, um olhar dialético dos fatos, o que significa que para entendê-los, frequentemente, precisamos abranger o contexto histórico do qual emergem e salvaguardar as particularidades que lhe são próprias. Tanto os relatórios quanto as falas dos licenciandos estão imbuídas de intenções. A análise que pode ser realizada com base nesses discursos revela o quão complexo e amplo é esse tema, aproximar-se dos licenciandos, compartilhar sonhos e angústias é um exercício interessante, além de possibilitar a imersão em um universo tão singular e ao mesmo tempo desafiador.

2. ENTRE CONVERSAS E VIVÊNCIAS

Vivenciar a formação de professores não é uma tarefa fácil, são vários os motivos que levam a problematizar e refletir que valorizar a profissão professor é uma conquista a ser realizada. Torna-se complexo motivar alunos a permanecer nos cursos de licenciatura quando a realidade acerca da profissão professor, sobretudo, no que tange a valorização do profissional - condições de trabalho, salários e planos de carreiras, futuro - caracterizam-se por ser pouco atrativa. Isto posto, vale ponderar que não se pretende com isso circunscrever a profissão professor, apenas à questão financeira, dado a riqueza e complexidade dessa profissão. Contudo, mitigar ou ignorar que no mundo capitalista o ter, lamentavelmente, se sobressai ao ser, seria no mínimo ingênuo e leviano. Arrogar-se a profissão professor tão-somente discursos municiados de amor e exaltação, porém órfãs na prática de valorização do profissional professor, de melhoria de vencimentos, das condições de trabalhos, do plano de carreira, é no mínimo cruel, desumano e destituído de qualquer leitura histórico-crítica acerca dessa profissão.

Tendo em vista a necessidade de uma simbiose entre sociedade e escola, para a efetivação de uma sociedade/escola democrática, justa e igualitária. Reconhecendo que o projeto de sociedade influencia e interfere diretamente na formação de professores e nos rumos da educação escolar no país, torna-se inadmissível que discursos sobre a importância do professor proferidos, na maioria das vezes, por políticos corruptos desvirtue o fato que nesse país há muitos professores que mal

conseguem se sustentar. Isso traz a mente à frase de Millôr Fernandes ao ressaltar que: “nada é mais falso que uma verdade estabelecida”.

Em um país que muitos professores (as) precisam trabalhar em mais de 04 escolas para garantir a sua sobrevivência, se alimentar no trajeto de uma escola para outra, adoecer e se sentir desamparado, enfrentar distintas realidades, mal ter tempo para estudar, além de não ter acesso à cultura como: teatro, cinema, exposições artísticas (que é quase um luxo) é no mínimo vergonhoso. Porém, também é revelador ao tornar explícito o lugar que essa profissão ocupa na atual conjuntura política, econômica, social e até cultural dessa nação.

Obviamente que conjecturar sobre os motivos que levam essa profissão carecer de prestígio social e apoio, demandaria de muito tempo tendo em vista a complexidade de fatores que envolvem ser professor na sociedade contemporânea. Entretanto, é sabido que tanto os gestores públicos, bem como as políticas públicas nas mais variadas instâncias historicamente não tem agregado à formação de professores elementos que são imprescindíveis para a valorização e dignidade dessa profissão, especialmente, no que diz respeito a melhores salários e condições de trabalho, para que a carreira seja atrativa e passe a se configurar como algo a ser almejado pelos jovens atualmente.

> Os professores nunca viram seu conhecimento específico devidamente reconhecido. Mesmo quando se insiste na importância da sua mesmo, a tendência é sempre para considerar que lhes basta dominarem bem a matéria que ensinam e possuírem um certo jeito para comunicar e para lidar com os alunos. O resto é dispensável. Tais posições conduzem a, inevitavelmente ao desprestígio da profissão, cujo saber não tem qualquer valor de troca de mercado (NÓVOA, 2006, p.33).

Nóvoa (2003), conforme citado na passagem acima, toca em um elemento relevante para se pensar a formação de professores. Por muito tempo a racionalidade técnica manteve-se soberana, isto é, os conhecimentos, as práticas, os valores e os diferentes sujeitos não eram levados em consideração, por ser concebidos como inferiores na hierarquia que compunham a formação de professores (GIROTTO; MORMUL, 2016).

Essa condição de certo modo reforça a tese que a desvalorização da profissão pode ser entendida a partir da perspectiva que para ser professor basta ter vontade, uma vez que o professor é um “meio para um fim”, isto é, ajudar os alunos a passar no vestibular do curso disputado e/ou alcançar um excelente cargo, ou seja, uma profissão imbuída de utilitarismo e desprovida, por vezes, de criticidade. Na prática o objetivo da educação escolar não está em discutir e/ou refletir sobre que sujeitos almejam-se formar, e sim que profissão ou função possibilita o acesso aos recursos materiais (casas, carros, motos, iate, roupas de grifes, entre outros) que a sociedade de consumidores tanto idolatra. Em suma a questão não é formar um ser humano melhor e sim possibilitar que esse indivíduo deseje cada vez mais bens materiais, a lógica dominante é a competição e a individualidade, no mundo onde as desigualdades de oportunidades são ocultadas pelo discurso ingênuo da meritocracia. Nesse

contexto adverte-se: A função dos professores não consiste mais, talvez, em formar indivíduos segundo a velha imagem orgânica da cultura geral, mas equipá-los, prevendo a impiedosa concorrência do mercado de trabalho numa sociedade totalmente orientada para o funcional e útil (TARDIF; LESSARD, 2011, p.147).

Diante disso, para além das dificuldades já apontadas há também a existência de um cenário pouco promissor, ou seja, é difícil manter-se motivado e estimular os ingressantes dos cursos de licenciaturas a se comprometerem com a sua formação quando todo o resto, políticas educacionais, valorização pessoal e profissional, condições de trabalho, entre outras, apresentam-se como pouco atrativas.

Todavia, ratificamos que é imprescindível se manter firme e consciente no propósito de enfrentar as mazelas, é preciso lutar com lucidez e com propriedade intelectual, o que é imprescindível para essa profissão, porque para ser professor é preciso competência, para assim alcançar a valorização e a formação almejada. Porém, essa luta não deve ser despojada de leitura política e fundamentação teórica, por mais que a paixão seja propulsora de mudanças. No que tange às conquistas nessa área é visível que essas necessitam de consistência, coerência e continuidade.

Ambiciona-se encontrar nos cursos de licenciaturas sujeitos que realmente acreditem na profissão, nas possibilidades tanto de trabalho quanto de ganho e vejam na profissão professor o sentido e o valor que és imprescindível para o fortalecimento de qualquer profissão, especialmente, a de professor.

Contudo, seria ingênuo partir do pressuposto que todos os alunos que ingressam na licenciatura querem ser professor. Apesar de ser um contrassenso é isso que a realidade nos revela, muitos ingressam na licenciatura em Geografia da Unioeste/FB, por ser um curso de pouca concorrência, e não necessariamente porque querem ser professores. Sendo, portanto, uma possibilidade real de aprovação no vestibular mesmo com todas as limitações oriundas de uma formação escolar muitas vezes fragilizada.

> A realidade, contudo, é muitas vezes bem diferente do sonho. Muitos de meus alunos e alunas, seja na Pedagogia, seja na Licenciatura, não pensam em se dedicar às salas de aula. Muito revelam desinteresse em seguir a carreira do magistério, mesmo estando num curso de formação de professores. Pesam muito nessa decisão as condições concretas do exercício da profissão. Preparam-se para ser professor e irão exercer outra profissão (GADOTTI, 2003, p.3).

Outros encaram a licenciatura como possibilidade de ascensão na carreira, principalmente, porque muitos empregos exigem curso superior independente da área, como forma de angariar maior ganho de salário. Há também os que cursam como segunda graduação por motivos variados. E, certamente há os que escolheram o curso, por quererem ser professor. Mas há alunos que relatam que

fazem licenciatura a contragosto da família, principalmente, porque os pais veem o curso como "sem futuro".

Durante a prática de estágio um licenciando relatou:

> Estou tão cansado de ter que convencer meus pais que quero ser professor, mesmo estando no 4º ano eles ainda não se convenceram disso. Não condeno o receio deles, especialmente, porque acompanharam ontem pela TV que os professores foram impedidos de entrarem na câmara de deputados, inclusive, muitos foram recebidos à bala de borracha e gás lacrimogênio. Ficam me questionando: que pessoas são essas? Será que vale a pena lutar, uma vez que professores, que deveriam ser respeitados, estão sendo tão mal tratados. E olha! A reinvindicação nem era para ganhar alguma coisa e sim para não perder o pouco que conquistaram. (Relato de um licenciando do 4º ano de Geografia, concedido no dia 30 de abril de 2015).

No ano de 2015 viveu-se no Estado do Paraná um dos piores momentos da história dessa categoria. Contudo, as mobilizações ocorridas em torno da defesa dos direitos dos trabalhadores da educação promoveram um estreitamento de ações e das relações interpessoais, além de caracterizar-se também como um importante momento formativo. Com a greve gerada pelas ameaças do Governo, que se originou daquilo que se denominou "pacotaço da maldade", professores, alunos e funcionários debateram sobre diversos temas, discutiram, estudaram e se uniram em prol da educação e, consequentemente, do futuro de seus profissionais. Esse momento foi importante para a reflexão e discussão de vários assuntos, assim como para o reconhecimento dos diferentes sujeitos da educação. Nesse contexto adverso os licenciandos puderam experenciar os motivos e as incertezas que estão presentes na vida de todo aquele que escolhe ser professor, corroborando que os saberes docentes são plurais e é nessa pluralidade de saberes que é possível se formar professor.

Se acreditarmos na formação de professores de Geografia como um processo reflexivo, que une prática e teoria em práxis transformadora, só poderemos construí-la com os discentes, professores e os diferentes sujeitos da educação (formal e não formal) de maneira coletiva e colaborativa a partir do momento em que os mesmos reconhecerem nela questões fundamentais. É preciso dar voz a todos estes sujeitos, deixá-los relatar experiências, frustrações, equívocos, transformando o sentimento de paralisia em reflexão criativa. Além disso, ao partilharem com os outros discentes as sensações do estágio, poderão compreender que se trata de uma sensação coletiva e que, portanto, não é resultado apenas de práticas individuais (GIROTTO; MORMUL, 2016, p.61).

Dessa forma, identificar e analisar o perfil dos licenciandos que ingressam na licenciatura em Geografia na Unioeste, campus de Francisco Beltrão/PR faz todo o sentido, a multiplicidade de sujeitos e de vivências revelam aspectos importantes para a reflexão. Entre os estudantes que ingressam na licenciatura em Geografia, há os que relatam, como dito anteriormente, que escolheram esse curso por acreditar na profissão, seja pelos exemplos que tiveram de professores e/ou até de familiares e amigos, ou por uma escolha idenditária. Pode-se perceber, nesse contexto, que as inclinações dos licenciandos quanto à escolha do curso e/ou da docência assume posições distintas,

pois há os que evidenciam sentidos de pertencimento e manifestam relações positiva em relação à docência, como há os que demonstram receio quando associam educação e dificuldades e, também, é comum entre muitos licenciandos a associação entre as diferentes perspectivas (LIMA, 2017).

No transcorrer de 2010 a 2017 teve-se a oportunidade de conviver, enfim ter contato com licenciandos (futuros professores de Geografia), durante esse tempo foi possível notar que a partir da metade o curso, os estudantes revelam sinais de cansaço e desilusão com a profissão. Não são poucos os casos que eles necessitam de acompanhamento psicológico, vivem no auge dos seus 20 anos de vida um período de extrema angústia e aflição, ao mesmo tempo, revolta. Longe de querer tecer elucubrações de âmbito psiquiátrico é sensível aos olhos e ao coração verificar a confusão que muitos se encontram e a impotência que alguns docentes (professores universitários) vivem diante de tal situação. No intuito de tentar desvelar os motivos dessa insatisfação que é uma amalgama de frustração com esperança, situam-se os desafios e sonhos de ser professor. Por um lado há uma realidade dura, uma escola destituída de sentido e de pessoas que são frutos de uma sociedade imersa no consumo pelo consumo, por outro lado, há o sonho e a expectativa de transformar, construir, produzir algo melhor, sobretudo, sujeitos melhores. Sujeitos esses que possam intervir na sociedade de forma mais propositiva e comprometida, na qual o respeito, tolerância e o amor possam ser cultivados dentro e fora das escolas, que essa atitude positiva possa se sobrepor ao ódio a e intolerância que, infelizmente, tem produzido uma sociedade doente e alienada.

Apesar de acreditar que ninguém nasce professor, percebe-se que muitas vezes a identidade professor é tão forte que o sujeito nem consegue se imaginar sendo ou realizando outra profissão, mesmo diante de todos os desafios.

> [...] ao chegar na sala e ser apresentado pela professora como um estudante de Geografia que estava em estágio de docência, um dos alunos imediatamente vira-se para mim e pergunta "você será professor?", ao que respondo simplesmente que "sim". Nisso, com um ar um tanto quanto sarcástico, indaga novamente "tem certeza que é isso o que você quer?" Ao ouvir isso comecei a me recordar, em uma fração de segundo que pareceram vários minutos, de porque estava em um curso de formação de professores e o que me levava a estar junto destes alunos naquele momento. Pensei em várias faces negativas da profissão. O salário, as condições de trabalho, a falta de reconhecimento, a carga de trabalho, a violência, a insalubridade. Mas em seguida, naqueles intermináveis segundos, vi a turma e aquele aluno incrédulo parado bem na minha frente e pensei como, somente naquela sala, haviam quinze ou vinte sujeitos em formação e como aquele momento, a aula, era importante na constituição da consciência desses sujeitos, o que fez com que me sentisse, enquanto futuro professor, importante. Enfim, não consegui dizer nenhuma palavra àquele aluno, e então o respondi com um singelo sorriso (Relato de um licenciando do 3º ano de Geografia, extraído do Relatório Final do Estágio Supervisionado, novembro, 2017).

A identidade com a profissão, na maioria das vezes, atribui sentido a profissão, que assim como tantas outras é composta por amores e dissabores, sucessos e fracassos, erros e acertos. Mas é importante que o professor tenha consciência de seu papel e não se subverta a uma lógica perversa que transforma a profissão em "bico" ou em casos mais extremos até em profissão de fé ou a

naturalização de discursos como: “não tem jeito; os alunos não querem aprender, só tirar nota; aperfeiçoar-se para quê? O governo não valoriza mesmo; ser professor é ser sofredor; professor ganha pouco; não vale a pena ser professor”, entre outras.

Diante de expressões, como as citadas acima, que infelizmente são corriqueiramente proferidas por muitos professores, não é de se estranhar que muitos cursos de formação continuada frequentemente se transformam em “sessão de lamento”, ao invés de serem momentos para qualificar a formação. Isso de certo modo desestimula o futuro professor que se depara não só com os percalços da profissão, mas também com colegas que a tempo desacreditaram no que realizam.

Sem querer estabelecer críticas superficiais a intenção é provocar, pois muitas das vezes o primeiro a desmerecer a profissão é o próprio professor, que destituído de capacidade intelectual, emocional e até psicológica, acaba por reduzir sua ação docente em concepções oriundas do senso-comum, em vez de buscar entender o contexto em que essas emergem, ou seja, porque, para que, e o que é possível fazer para superar essa condição, acaba-se por naturalizar algo que não é natural e sim produto de um contexto histórico socialmente produzido.

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem. [...] Comecemos por pensar sobre nós mesmos e trataremos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa construir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação. Qual seria este núcleo captável a partir de nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabado ou a inconclusão do homem. (FREIRE, 2006, p. 27).

Assim, na batalha cotidiana de valorizar uma profissão que vem paulatinamente perdendo espaço na sociedade, inserido num contexto histórico de impactantes mudanças nos mais variados âmbitos, sobretudo na educação, ser professor não só se tornou uma tarefa difícil como algo importantíssimo na sociedade contemporânea.

A desvalorização crescente da profissão professor propalada pelos meios de “desinformação”, fomentada nos discursos políticos proferidos, e, também, nos documentos oficiais educacionais, acabam por simplificar e empobrecer a atividade docente. Não há uma valorização do professor como capaz de formar seres humanos melhores, mais justos e éticos. Um país que esvazia gradativamente o sentido e significado da profissão professor, da escola, sobremaneira, das escolas públicas, sem sombras de dúvidas é um país do retrocesso. O atual contexto, infelizmente, tem demonstrado que uma quantia significativa de pessoas não reconhece o valor da escola e tão pouco sua contribuição para a vida humana.

Calar a educação, a escola, e o professor, é silenciar valores, é tirar a voz dos oprimidos. E contribuir para tornar cada vez mais invisível uma grande parcela da população que, infelizmente, serve apenas como “massa de manobra” a fim de manter tudo exatamente como está. É como um

jogo de xadrez em que os peões são comumente sacrificados em prol da manutenção do "rei", até muda-se as peças no tabuleiro, mas não se altera a estrutura e funcionalidade do jogo.

Pobreza política começa, geralmente, com a ignorância. Não se trata de ignorância cultural, pois esta não existe, já que todos estamos incluídos em contextos de patrimônios culturais, possuímos língua própria e saberes compartilhados. Trata-se da ignorância historicamente cultivada, através da qual se mantêm grandes maiorias como massa de manobra, cujo destino está lavrado na sustentação dos privilégios de minorias cada vez mais minoritárias. Assim, pobreza pode ser mais bem definida, não como apenas carência material, mas como repressão do acesso a oportunidades disponíveis em cada sociedade. É, pois, causada, mantida, cultivada historicamente, fazendo parte de legados passados e dinâmicas presentes, através dos quais se manieta a população na condição de objeto de manipulação política. Politicamente pobre é o escravo que se vangloria da riqueza de seu patrão, não atinando que esta riqueza lhe é devida, pelo menos em parte; é o oprimido que espera sua libertação do opressor; é o ser humano reduzido a objeto e que mendiga direitos; é quem faz a história do outro, a riqueza do outro, os privilégios do outro e, com isso, é coibido de história própria [...] (DEMO, 2006, p. 15).

Isso tudo pode soar como negativo, mas antes de realizar qualquer julgamento de valor é importante repensar – se a população tem o governo que merece - ou não seria mais prudente, nesse caso, indagar que: o governo produz o povo que precisa? Nessa perspectiva acredita-se que a avaliação acerca do papel da escola na sociedade contemporânea seja mais lucida. A questão que incomoda/desestabiliza é: o que pode ser feito? E como fazer? Sem uma receita ou modelo pronto a serem seguidos muitos profissionais sentem medo, paralisam e entram no círculo vicioso.

O medo é um sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário. Medo de enfrentar a tempestade. Medo da solidão. Medo de não poder contornar as dificuldades para, finalmente, entender um texto. A questão que se coloca não é, de um lado, negar o medo, mesmo quando o perigo que gera é fictício. O medo, porém, em si é concreto. A questão que se apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço. (FREIRE, 2000, p.39)

A contradição em ser professor reside no fato que ao mesmo tempo em que a profissão é desvalorizada ela emerge como uma das profissões mais necessárias na formação de sujeitos que possam efetivamente transformar a realidade. Como dizia Paulo Freire à educação não muda o mundo, o que muda o mundo são as pessoas. E são de pessoas capazes de mudar o mundo que se tem necessidade. E, nesse sentido, ter e/ou ser um bom professor faz toda a diferença, por mais insignificante que pareça ser a cena de ver o professor em salas de aula, sobretudo, barulhentas e abarrotadas de alunos, desmotivados e desinteressados. Não há como negar que quando o professor sabe o que está fazendo; por mais singela que seja sua contribuição certamente ele faz a diferença,

inclusive, para um expressivo número de crianças e adolescentes que tem no professor(a) o único bom exemplo de cidadão. Como diz o ditado “quem precisa de médicos são os doentes”, nesse sentido, talvez quem mais precise do professor são aqueles alunos que, geralmente fazem de tudo para afastar/afugentar o professor, esses não querem ser vistos, notados, “incomodados”, são sujeitos invisíveis, marginalizados pela própria sociedade a qual pertencem.

Assim, ao se pensar particularmente a formação de professores invariavelmente uma das questões mais provocativas é a valorização profissional. Sabe-se que há um processo de qualificação da formação, entretanto, essa qualificação não vem acompanhada de uma valorização salarial. Ao contrário percebe-se uma distorção/desvalorização entre o salário de um professor comparado a de outros profissionais de nível superior. E há, também, a questão das condições de trabalho e das escolas.

A partir dos pressupostos apresentados acima se defende a tese de que por mais adversas que sejam as condições para a formação de professores é preciso acima de tudo resistir e acreditar que ser professor é algo pelo qual vale a pena lutar. Acredita-se que sem engajamento político, social e sem comprometimento com a formação não haverá mudanças.

Por isso é imprescindível conhecer os sujeitos que ingressam nas licenciaturas e buscar qualificar a formação da melhor forma. Precisa-se ter clareza, critérios sobre o que fazer; que sujeito é esse; que perfil busca-se formar; para qual sociedade? Ainda, qual o papel do ensino de Geografia no cenário atual? O abismo entre universidade e escola não é mais concebível, na verdade nunca foi, o ponto é que a universidade por anos se propôs a pensar sobre uma escola teorizada realizando, assim, uma formação de professores desvinculada da realidade das escolas. A ênfase na racionalidade técnica em detrimento da formação humana, a relevância dos conteúdos específicos sobre os denominados pedagógicos e o enfoque na teoria em oposição à prática. O choque, portanto, era inevitável já que os antagonismos acentuavam ainda mais esse cenário, que por si só, é emaranhado de conflitos e contradições. Com isso não se busca diminuir o valor do conhecimento específico, mas sim contribuir com o debate em que vários saberes são necessários para a formação de professores, sobretudo, se esses estão colados no contexto em que emergem.

Em suma, [o professor] possui um conjunto de saberes a respeito da escola que é desconhecido pela maioria dos cidadãos comuns e pelos membros das outras profissões. É um saber profissional específico, que não está diretamente relacionado com a ação pedagógica, mas serve de pano de fundo tanto para ele quanto para os outros membros de sua categoria socializados da mesma maneira. Esse tipo de saber permeia a maneira de o professor existir profissionalmente (GAUTHIER, 2006, p.31).

Nesse diapasão, pensar a formação de professores de Geografia torna-se imperante dada as reais condições tanto materiais, sociais, econômicas quanto políticas para o desenvolvimento dessa profissão. Tempos incertos oriundos de um contexto histórico repleto de informações que vertem das

mais variadas fontes. Momento em que muitos se indagam sobre o papel das instituições sociais; tempos em que ter informações e conhecimentos se confundem. A sociedade do imediato, do consumismo, gera conflitos e vazios das mais diversas ordens e em meio a esse turbilhão reside à questão: quem quer ser professor?

3. EU PROFESSOR?

Em curso de formação de professores almeja-se encontrar sujeitos que demonstrem vontade em concluir o curso e atuar nas salas de aulas de modo comprometido e ativo. No que concerne à formação de professores de Geografia percebe-se que um dos primeiros desafios a ser enfrentado é motivar os ingressantes a ficar no curso. E, ainda, fazer com que os conteúdos previstos no Projeto Político Pedagógico do curso se tornem claros e significativos para os futuros professores.

O domínio teórico e metodológico da ciência a qual lecionará é algo imprescindível, ou seja, conseguir-se-á trabalhar com os conteúdos geográficos se conhecerem a Geografia. Clareza epistemológica, teórica e metodológica é algo a ser buscado durante toda a vida profissional. Não obstante, na formação inicial essa discussão e reflexão precisam ser realizadas para que os futuros professores consigam ter clareza sobre a Geografia e, assim, possam identificar e entender para que ela serve e a quem.

Não se ensina Geografia se não se sabe Geografia. Essa afirmação aparentemente ingênua é muito significativa já que se entende que o professor precisa ver sentido e acepção no que faz e, também, atribuir significados aos conteúdos geográficos trabalhados. Entretanto, além de saber Geografia para ser professor, como já citado anteriormente, outros saberes se fazem necessários.

> [...] não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas da minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos é meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu "saber de experiência feito" que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço (FREIRE, 2006, p.101).

A Geografia é viva e pode enriquecer a vida dos sujeitos, ressignificar conteúdos, descobrir, descontruir, sonhar, acreditar, são alguns dos vários adjetivos que precisam estar presentes na profissão do professor de Geografia. A história da Geografia escolar nos revela um cenário no qual a Geografia era uma disciplina meramente descritiva, pautada em decorar as lições, portanto, inútil, estéril e enfadonha. Obviamente que o caráter mnemônico predominante na Geografia escolar guarda relação com o ensino tradicional, em que ao professor cabia a transmissão do conteúdo pronto e acabado e, restava ao aluno dispor de boa memória para decorar as informações que seriam cobradas nos exames.

É importante salvaguardar que o momento em que Geografia atinge o status de ciência e passa a compor os curriculares escolares, final do século XIX, é marcado pela concepção de fragmentação da ciência e pela a busca de resultados concretos, isto de certo modo influencia no modo como a Geografia será incorporada nos curriculares escolares, visto que a concepção holística de Geografia amplamente difundida pelos seus fundadores como Humboldt passa a ser suplantada por uma ideia de uma ciência dicotomizada.

O vício do século XIX, de se pensar os conhecimentos científicos de modo separado, como lembra Morin (2002) aprofunda-se gradativamente com as hiperespecializações comuns e bastante praticadas na sociedade contemporânea e acaba por contribuir cada vez mais com o distanciamento existente entre as ciências. Apesar do apelo em busca de um conhecimento mais acessível e amplo, convivemos diariamente com uma visão 'mistificada' do conhecimento que na maioria das vezes está a serviço da lógica capitalista que tudo quer totalizar [...] (MORMUL, 2013, p.60).

Assim, é inadmissível que em pleno século XXI ainda se depare com uma Geografia que literalmente não serve para que os sujeitos entendam o espaço geográfico mediado pelas relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais que nele ocorrem. Por isso, aspira-se que a formação de professores de Geografia avance para a superação desses ranços, que são frutos da concepção de ciência e de sociedade inspirados pelos anseios dos dominantes, e passe a dialogar efetivamente com a vida dos sujeitos.

Acredita-se que um dos papéis dos professores de Geografia é promover a transformação do mundo por meio das pessoas, mesmo a Geografia sendo encarada como menos importante no rol das disciplinas escolares, como são, por exemplo: a língua portuguesa e a matemática, sabe-se que sua presença (Geografia) no currículo escolar tem uma intencionalidade e essa tanto que pode ser empregada para a manutenção e/ou reprodução das relações de poder dominantes quanto para o seu enfretamento, uma vez que é por meio da história dos homens que se constitui a educação escolar a qual professores, conscientes ou não, contribuem para a transformação ou manutenção desse estado de coisas.

Para tanto, sabe-se que é necessário entender o processo educativo, ou seja, tanto as questões pedagógicas, mas também as de cunho político, econômico e social, apesar de que muitos entenderem a política dissociada da educação é sabido que tal concepção é infundada. É preciso entender as relações de poder implícitas no processo educativo para entender para que e a quem serve o currículo e/ou as propostas voltadas a educação escolar.

A educação preenche uma função política mistificadora menos ao difundir ideias falsas e mais ao veicular ideias verdadeiras que, destacadas das realidades econômicas, sociais e políticas das quais emanam, apresentam-se como autônomas e são recuperadas em uma tentativa, consciente e inconsciente, de camuflagem da realidade (CHARLOT, 2013, p.61).

Diante disso é importante buscar respaldo teórico e, também, avaliar cotidianamente a prática buscando dialogar, neste caso, com licenciandos sobre qual o papel do professor e da Geografia na atualidade. A ciência geográfica é extremamente rica e possui um potencial extraordinário para dar dinamismo e, ao mesmo tempo, produzir conhecimentos sobre os fatos/fenômenos que assolam o mundo. Compreende-se que é preciso produzir uma Geografia que converse com o contexto e com as aspirações dos sujeitos, e parar de reproduzir o que não responde mais as expectativas e necessidades tanto dos sujeitos quanto para o entendimento do atual contexto histórico.

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem (CALLAI, 2205, p.228-229).

Os licenciandos trazem consigo expressões que de uma forma ou de outra, remete-se a busca de culpados, seja pelo desempenho insatisfatório no curso quanto pelo não comprometimento com sua formação e até mesmo pelo futuro da profissão. A eterna responsabilização do outro, ou do sistema, por aquilo que muitas das vezes somos também coniventes. Obviamente que essa postura resulta de uma formação moral, política, educativa, frágil em que boa parte das vezes a postura de vítima é incorporada, no qual os acontecimentos e/ou situações são desprovidos de uma leitura crítica da realidade, e sim vistos como algo naturalizado, resultado de um processo de alienação.

Como a educação escolar está alicerçada num sistema educacional instrucionista, na universidade comumente se repete aquilo que se vivencia por anos na escola, ou seja, que o compromisso da formação depende única e exclusivamente do outro e não da inter-relação entre professor-aluno e conhecimento. Essa leitura consagrada do processo educativo faz com que, por vezes, muitos licenciandos não concebam a aprendizagem sem que essa ocorra em sala de aula, com a presença do professor como transmissor de conhecimento em que a aula é dada e não realizada.

Uma das maiores dificuldades em promover a aprendizagem na escola, é retirar do contexto escolar o instrucionismo que está incorporado na prática pedagógica do professor, haja vista que aprender em sala de aula não possui relação com assistir aulas, que não passa de mera transmissão de informações prontas e acabadas, nem com as cópias ou reproduções de atividades e modelos estipulados pelo professor e muito menos possuir relação com a quantidade de aulas dadas (DAHER, 2017, s/d).

A pesquisa como princípio científico e educativo como ressalta Demo (2006) infelizmente é algo ausente no processo educacional, muitas das vezes a pesquisa é encarada como um recurso didático utilizado para a complementação de conteúdos e não como um meio para a produção de conhecimentos em si. Essa formatação dificulta que tanto nos espaços escolares quanto nos cursos de formação de professores os estudantes se tornem protagonistas na produção de conhecimentos. O que se vivencia são situações em que os licenciandos esperam que o professor traga pronto o que deve ser trabalhado, isso revela a falta de compreensão que o processo educativo ocorre com a interação dos sujeitos.

Nesse sentido, os alunos não são sujeitos da aprendizagem e sim objetos, assim como os conteúdos, que, por vezes, se tornam mais importantes no processo educativo, ou seja, abordar muitos conteúdos resume-se muitas vezes o que seja aula. A ênfase no conteúdo em prejuízo à reflexão produz um hiato sobre o valor do que está sendo ensinado e em que esse rol de conteúdo contribui para a aprendizagem e para a formação humana. Não se quer com isso dirimir a importância dos conteúdos na dinâmica das aulas, mas ao contrário, promover a reflexão que o processo de ensino e aprendizagem deve ser potencializado por meio da ação mediadora do professor que é intencional e simultaneamente cheia de sentido e significado, no qual os conteúdos exerceram uma função meio e não determinante do processo educativo.

Nesse ínterim, a pesquisa assume um papel protagonista no processo de ensinar e aprender, uma vez que por meio dela se acessa e se produz novos conhecimentos, a produção de conhecimento é o bem maior da aprendizagem e essa deve ser resultado da reflexão e ação entre os diferentes contextos e sujeitos.

A concepção moderna de professor o define essencialmente como orientador do processo de questionamento reconstrutivo no aluno, supondo obviamente que detenha esta mesma competência. Neste sentido, o que mais o define é a pesquisa. A rigor, ensinar é algo decorrente da pesquisa. Não pode manter a mesma densidade definitória, como se diz com respeito à universidade em termos de ensino, pesquisa, extensão. De partida, se os três termos fossem pelo menos homogêneos, teríamos um pouco mais de pesquisa e extensão, o que não é verdade. Como regra, a predominância do mero ensino é avassaladora. A seguir, não é correto homogeneizar os termos, porque há visível hierarquia, estando no topo a pesquisa. Se esta for bem conceituada e praticada, torna-se ocioso o de extensão, e engloba naturalmente o ensino, que se torna educação. Pois, educar pela pesquisa é a educação própria da escola e da universidade (DEMO, 2003, p.26).

A produção de conhecimento por parte dos licenciandos é algo que se almeja conquistar. Não é de hoje que o discurso em torno da formação de professores é algo que gera por vezes certo desconforto. Na medida em que se compreende que formar professores, como qualquer outro

profissional, demanda recursos humanos, didáticos, infraestrutura, enfim, apoio e esses precisam ser pensados e avaliados constantemente.

Nesse sentido, por meio dos relatos dos licenciandos verificou-se o que é possível ser feito e como. Não no sentido de buscar soluções, mas especialmente com o intuito de ir para o enfrentamento, desvelando caminhos rumo à formação de sujeitos cientes da função que pretendem exercer.

O curso de licenciatura em Geografia da Unioeste, campus de Francisco Beltrão recebe alunos oriundos de todo sudoeste do Paraná, segundo a Lei Estadual nº 15. 582/2008, atualmente a região é composta por 42 (quarenta e dois) municípios. Amparados pela Resolução nº 221/2014 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Unioeste, que regulamenta as atividades de Estágio Supervisionado I e II do curso de Geografia os licenciandos podem realizar suas atividades de estágios nas escolas de todos esses municípios, o que abre um "leque" de possibilidades tanto pela amplitude da área quanto pela diversidade de escolas e professores que nelas atuam.

Os licenciandos do curso de Geografia dos últimos anos (2010-2017) são predominantes jovens entre 18 (dezoito) a 27 (vinte e sete) anos, a grande maioria mora nas cidades vizinhas a Francisco Beltrão e vão e vem para a universidade todos os dias. Essa caraterística influencia de forma significativa na formação desses futuros professores, uma vez que eles usufruem da universidade apenas nos horários das aulas. São poucos os estudantes que não trabalham – em conversa com eles, ficou explícito que o trabalho é algo importante para eles – assim, aquilo que deveria ser segundo plano (trabalho) passa a ser primeiro, enquanto a universidade, ou seja, o curso e suas atribuições passam a ser secundário.

Uma das queixas frequentes dos licenciandos é a desarticulação dos conteúdos, seja em relação aos componentes curriculares das escolas, seja a falta de articulação entre as disciplinas do próprio curso. A Prática como Componente Curricular (PCC) foi instituída no ano de 2002 em todos os cursos de licenciatura do país como forma de fortalecer o vínculo entre universidade-escola. Contudo, há ainda dificuldades de instituí-la efetivamente.

O problema dos cursos de formação de professores não é apenas supremacia das disciplinas de conteúdos científicos e acadêmicos da Geografia, sobre as disciplinas pedagógicas. Mas a questão maior é a fragmentação presente entre as disciplinas do curso e a grande individualização de cada disciplina e/ou área do conhecimento em suas teorias, ou seja, as disciplinas específicas do curso se concentram, em grande parte, aos estudos das teorias geográficas, sem estabelecerem conexões com a Geografia escolar (OLIVEIRA; FRANCISCHETT, 2015, p.322).

Outra questão evidenciada nos discursos dos licenciandos é a fragilidade da pesquisa na formação de professores. Vale ressaltar que formar o professor pesquisador é um dos objetivos do curso, porém a pesquisa na formação de professores é algo a ser conquistado.

Sabe-se a importância da pesquisa na formação de professores, além de fomentar o desenvolvimento da Geografia, potencializar o ensino, é possível desvelar os problemas enfrentados no cotidiano das salas de aulas.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2008, p.29).

Nos cursos de Geografia/Licenciatura da Unioeste, campus de Francisco Beltrão, na disciplina de estágio, os licenciandos devem realizar um projeto de pesquisa no 3º ano e um artigo no 4º ano. A inserção dessas duas atividades ocorreu como meio para estimular o contato com a pesquisa, todavia não se caracteriza como Trabalho de Conclusão de Curso, e sim como um exercício de reflexão escrita sobre as experiências vividas durante os estágios.

No entanto, os alunos relatam muitas dificuldades tanto para a elaboração do projeto quanto do artigo; são muitos os casos em que não sabem nem como começar, a ausência da pesquisa como elemento formativo, a falta de vivência na universidade, a não participação em programas de iniciação científica, de extensão ou projetos de ensino que exijam sistematização de conhecimentos e a aula como único momento para a formação, são um dos dificultadores para realização desse processo reflexivo. Para muitos a inclusão da disciplina de Metodologia e Técnicas de Pesquisa no currículo do curso auxiliaria consideravelmente para a elaboração de ambos (projeto e artigo), porém sabemos que para além do domínio das técnicas, torna-se imprescindível a concepção do que é pesquisa e ainda o que é ser professor-pesquisador.

Aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, é próprio de uma educação interdisciplinar, que, segundo nossos dados, deveria se iniciar desde a pré-escola. Uma das possibilidades de execução de um projeto interdisciplinar na universidade é a pesquisa coletiva, em que exista uma pesquisa nuclear que catalise as preocupações dos diferentes pesquisadores, e pesquisas-satélites em que cada um possa ter o seu pensar individual e solitário. Na pesquisa interdisciplinar, está a possibilidade de que cada pesquisador possa revelar a sua própria potencialidade, a sua própria competência (FAZENDA, 2008, p. 10).

De toda forma, é imprescindível fomentar a pesquisa na licenciatura, os professores deparam-se continuamente com situações-problemas que precisam ser enfrentadas. Sabe-se que, muitas vezes, o tempo de experiência na docência acaba sendo o subterfúgio para a resolução de questões desafiadoras; longe de negar a importância da experiência, é relevante investigar os problemas através do emprego de métodos e metodologias científicas que podem ser utilizadas pelos professores tanto para o enfrentamento dos problemas encontrados em sala de aulas quanto para o aperfeiçoamento da

formação, que se entende como permanente para o professor. Vale ponderar que quanto à defesa da formação continuada para professores, não se quer com isso afirmar que o professor nunca está pronto, mas sim enfatizar que ser professor demanda um processo de autoavaliação constante e que a soma dos diferentes saberes é o que promove o vir a ser professor.

Desse modo, fomentar e valorizar a pesquisa na formação de professores é necessário e apresenta-se como uma demanda dos licenciandos investigados. No que tange as disciplinas da parte diferenciada (pedagógicas), que corresponde às disciplinas voltadas especificadamente a formação de professores, os licenciandos expressaram a necessidade de maior carga-horária para essas disciplinas, uma vez que percebem a relevância dessas na formação do futuro professor.

Reforçam também os trabalhos de campo e as aulas de laboratório como meios importantes para enriquecer, para fortalecer a formação e potencializar o universo do futuro professor. Segundo os licenciandos às aulas de campo possibilitam conhecer in loco diferentes realidades, ao mesmo tempo em que os materiais e informações coletadas por meio do trabalho de campo, podem compor um acervo de material a ser utilizado em salas de aulas. Quanto às aulas no diferentes laboratórios, essas aparecem como uma demanda dos licenciandos, muitos relatam que essas ocorrem com pouca frequência podendo ser mais exploradas, sobretudo pela diversidade de laboratórios (geologia, pedologia, ensino, climatologia, cartografia, entre outros) existentes no curso e, também, pelo fato dos docentes dos cursos serem predominantes doutores especializados em diferentes áreas da ciência geográfica o que pode, de acordo com os licenciandos, contribuir significativamente para que houvesse mais aulas nos laboratórios, ou seja, somados esses dois elementos (laboratórios e corpo docente especializado) certamente atribuiu-se mais qualidade ao curso.

É importante dizer que a maioria dos licenciandos do curso precisam conciliar trabalho e estudo, visto que muitos são arrimos de família. Esse fato implica, por exemplo, na pouca participação em projeto de extensão, grupo de estudo, pesquisa voluntária, bem como em Projeto de Iniciação Científica com Bolsa (PIBIC), uma vez que essa modalidade de bolsa não permite que o aluno trabalhe. Em relação ao curso de licenciatura em Geografia, há o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com esse programa os cursos de licenciatura se fortaleceram, pois diferentemente do PIBIC no PIBID o licenciando pode trabalhar e participar do programa, contudo, é necessária uma flexibilidade de horários para a realização das atividades, ou seja, uma disponibilidade de pelo menos 10 horas semanal para se inserirem nas escolas da educação básica vinculados ao programa. Entretanto, o saldo do PIBID está na possibilidade dos licenciandos desde do primeiro ano da graduação experenciar a docência compartilhada.

O curso de Geografia da Unioeste de Francisco Beltrão/PR vem desde 2011 desenvolvendo atividades por meio do subprojeto PIBID de Geografia, incialmente contou com a participação de 12 (doze) bolsistas de iniciação à docência (licenciandos), 2 (dois) professores supervisores (educação

básica) e um coordenador de área (docente da universidade), posteriormente, passou a contar com 30 (trinta) bolsistas de iniciação à docência, 4 (quatro) professores supervisores e 2 (dois) coordenadores de área. E, atualmente, é composto por 24 (vinte quatro) bolsistas de iniciação à docência, 4 (quatro) professores supervisores e 2 (dois) coordenadores de área.

A incorporação do PIBID na formação dos licenciandos representou um salto qualitativo na formação, pois o programa visa:

> Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus 1521 professores como formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (CAPES, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, 2012).

Os licenciandos que participam do PIBID relatam que esse programa é importante para fortalecer a formação, sobretudo porque por meio do PIBID tiveram grandes oportunidades de aprendizagem, que com a prática do estágio, por exemplo, não é possível, especialmente, porque a inserção do licenciando na escola por meio do estágio supervisionado ocorre de forma parcial e aligeirada, o que muitas vezes não representa o universo da escola, e tampouco o que venha ser professor.

> [...] as experiências desenvolvidas no PIBID tem possibilitado uma formação docente em Geografia que se dá a partir do contato cotidiano com as problemáticas concretas que envolvem a profissão docente, bem como um exercício de reflexão que coloca, a todo o momento prática e teoria em diálogo (GIROTTO; MORMUL, 2016, p.74).

Diante do exposto, acredita-se que o PIBID oxigenou os cursos de licenciatura, e há esperança que práticas como essa possam se fazer presente na formação de todos os licenciandos, contudo, o que se defende é docência compartilhada, ou seja, que desde o primeiro ano da graduação os licenciandos possam ser inseridos na escola com o acompanhamento de professores formados experientes. Almeja-se, dessa forma, a interconexão entre teoria e prática, uma vez que ambas são indissociáveis e imprescindíveis para a formação docente.

Assim, com esse breve ensaio, foi possível perceber que boa parte dos licenciandos do curso de Geografia da Unioeste/FB entendem que o bom desenvolvimento do curso depende de uma série de ações como: maior articulação entre as disciplinas; inserção no espaço escolar desde o primeiro ano da graduação; a pesquisa como elemento científico e educativo; trabalho de campo; aulas nos laboratórios do curso; construção coletiva do Projeto Político Pedagógico do curso; acompanhamento

dos ingressantes (quanto as dificuldades de permanência do curso) e concluintes (acompanhamento dos egressos).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com esse trabalho discutir a formação de professor de Geografia, à luz das reflexões realizadas pelos licenciados do curso de Geografia da Unioeste, campus de Francisco Beltrão. É sabido que há muitos desafios a serem enfrentados no que tange a formação de professores. Mas, essa situação não exime a responsabilidade sobre o que é possível fazer e como viabilizar as mudanças vistas como necessárias no âmbito do curso.

Os licenciandos do curso de Geografia demonstraram por meio dos relatos e das produções textuais uma leitura crítica da formação, inclusive, da educação. Com isso é perceptível que o curso oportuniza a reflexão de assuntos considerados importantes à formação inicial do professor como: a carreira docente, o papel do professor na sociedade contemporânea, o estreitamento do diálogo entre universidade e escola, sobretudo, a necessidade de avaliação contínua e permanente do curso, entre outros. Esses elementos revelam que além do domínio teórico (dos conteúdos) os professores precisam ter seus saberes valorizados, uma vez que para ser professor é necessário entender a escola também como um espaço formativo.

Apesar da profissão professor não ser valorizada é indiscutível que uma “boa” formação de professores perpassa pela condição de entender a formação inicial de professores em diálogo com as demandas educacionais, uma vez que a educação é um ato político fruto do contexto histórico em que as políticas educacionais são elaboradas, como lembra Charlot (2013) à educação é política pelo menos em quatro aspectos, isto é, ao conduzir as crianças modelos de comportamento vigente na sociedade; ao formar a personalidade segundo normas que refletem as realidades sociais e políticas; ao transmitir ideias políticas sobre a sociedade, justiça, liberdade e igualdade e, também, porque ocorre nas escolas, já que como instituição educativa usa de meios eficazes para atingir as finalidades perseguidas pela sociedade.

Nesse sentido, não há como descolar a formação de professores do contexto político-econômico e educacional vigente, já que as mudanças vividas no processo de formação de professores derivam de mudanças e/ou reformas educacionais. O problema é que nos últimos anos o que se tem presenciado em termos de políticas públicas para a educação são reformas que deformam. Porém, mesmo diante de um cenário nada promissor para a educação, por meio desse estudo, apesar das limitações concernentes a ele, foi possível perceber que os licenciandos acreditam que ações como: a articulação curricular, o aperfeiçoamento da PCC, fortalecimento da pesquisa na formação do professor, entre outros aspectos, podem fortalecer a formação inicial de professores e contribuir para o entendimento de muitas questões que afetam essa profissão, contudo, de modo geral explicitaram

que acreditam que uma formação de professores de Geografia de qualidade pode colaborar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A experiência enquanto docente de curso de formação de professores de Geografia permite o contato quase que diário com os licenciandos, diálogo e reflexão sobre a formação, e isso oportuniza uma avaliação contínua sobre o papel do professor, igualmente da Geografia enquanto disciplina escolar, uma vez que é por meio dela que se busca entender e inferir no mundo de modo propositivo. Assim, compreende-se que ser professor (a) é estar imbuído de compromisso social, político, ético e, também, estético, já que cabe ao profissional professor contribuir na formação de seres humanos melhores e essa tarefa não pode ser destituída de sentido e significado, embora haja muitos desafios próprios da profissão professor é importante não desistir de buscar fazer o melhor e lutar pela valorização dessa profissão que és tão importante.

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.64, p.4-13, fev./1988.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Disponível em: <http://capes.gov.br/ educacaobasica/ capespibid>. Acesso em: 14 de maio. 2016.

DAHER. A. F. B. **Aluno e Professor**: Protagonistas do Processo de Aprendizagem. Disponível na internet via URL: <https://www.campogrande.ms.gov.br/semed/wp-content/uploads/sites/5/2017/ 03/817alunoeprofessor.pdf>. Arquivo acessado em 24 de novembro de 2017.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DEMO, P. **Pobreza política**: a pobreza mais intensa da pobreza brasileira. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

FAZENDA, I. C. A. (org.) **Didática e interdisciplinaridade**. 13.ed. São Paulo: Papirus, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P**.** **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

NÓVOA, A. **Professor e o novo espaço público da educação**. Educação e sociedade: perspectivas educacionais no século XXI. Santa Maria, RS. UNIFRA, 2006.

GIROTTO, E. D.; MORMUL, N. M. **Formação Docente e Educação Geográfica**: entre a escola e a universidade. Curitiba: CRV, 2016.

OLIVEIRA, M.G de; FRANCISCHETT, M. N. **Prática como Componente Curricular no Curso de Licenciatura em Geografia da Unioeste- Campus de Francisco Beltrão, PR**: uma análise a partir dos formadores. Anais do V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2015. p.319-330.

TARDIF, M; LESSARD, C. O **trabalho docente**. Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Trabalho enviado em 03/01/2018
Trabalho aceito em 25/05/2018